

A DISTINÇÃO ENTRE VONTADE PRÓPRIA E DESPRENDIMENTO EM MESTRE ECKHART

Saulo Matias Dourado¹
Nancy Mangabeira Unger (UFBA)²
Instituto Social da Bahia (ISBA)

RESUMO:

Neste artigo, trataremos a distinção entre vontade própria e liberdade, para designar como a relação do homem não é a de domínio com as coisas, tampouco de si mesmo, e sim um desprendimento que une a alma com a dimensão plena e livre de Deus em si mesmo. As noções de *sujeição* e *obediência* se mostram aí em sentido ontológico, nas quais o homem mantém uma ligação de dependência no ser com o transbordamento de tal dimensão maior. Ao se retirar da posição de apego consigo próprio e com um entendimento de ser enquanto materialidade definitiva, o homem muda a relação com o mundo e passa a ver e a ter Deus em todas as coisas, na sua soltura e desprendimento de categorização e pré-determinação.

PALAVRAS-CHAVE: Mestre Eckhart; Mística medieval; Ontologia medieval; Vontade própria; Desprendimento.

THE DISTINCTION BETWEEN ATTACHMENT AND DETACHMENT IN MEISTER ECKHART

ABSTRACT:

In this article, we will bring the distinction between attachment and detachment, to designate as the relationship of man is not the domain of things, neither of himself, but a detachment that unites the soul with the full dimension of God and free itself. The notions of subjection and obedience show up there in the ontological sense, in which man maintains a link of dependency with the largest dimension. By withdrawing from the position of attachment with itself and with an understanding of being as definitive materiality, man changes the relationship with the world and comes to see and have God in all things, on his release and detachment of categorization and pre-determination.

¹ Graduado em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bahia - Brasil e professor no Instituto Social da Bahia (ISBA), Bahia – Brasil. E-mail: saulomdourado@gmail.com.

² Orientadora. Professora Associada I da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bahia – Brasil.

KEYWORDS: Meister Eckhart; Medieval mysticism; Medieval ontology; Attachment; Detachment.

Se costumamos associar a liberdade com as realizações das próprias vontades, as palavras de Eckhart para distinguir um do outro nos soam como um paradoxo:

Vontade própria te toma a liberdade de estar à disposição de Deus neste presente instante; de seguir unicamente a Ele na luz, com a qual te orienta a fazer e deixar na liberdade, na novidade, a cada instante (Sermão 2, Sermões alemães vol.I, p. 47).

A que “vontade própria” Eckhart se refere, para dizer inclusive que ela não só não contribui, como impede a liberdade do homem? E qual a sua concepção de liberdade, que não diz apenas do ente particular a qual a liberdade se vincula, não sendo uma liberdade que diz respeito apenas daquele que é livre?

Eckhart diz que ao se “desprender da vontade”, o homem toma a vontade divina em seu ser. Assim, para que a vontade divina tome a alma, é preciso que os impedimentos da vontade própria se desfaçam, que o reconhecimento da liberdade como uma ligação e não como uma particularidade se configure. Com uma recusa da “vontade própria”, podemos sentir o desconforto de estar em uma relação de submissão e anulação de um indivíduo em seus projetos e desejos. Entretanto, Eckhart parece nos mostrar que não é uma auto-negação, mas uma dimensionalização do eu no que este eu se integra em instância maior e unida, “sendo unicamente com ele na luz”.

Brugger preferiu traduzir *eigenschaft*, expressão do alemão arcaico a que nos referimos como “vontade própria”, por “apego ao próprio eu”³, em acordo com Schürmann que inscreveu como “*attachment*”⁴, o que desembaraça a ambiguidade e a estranheza posta na tradução em português de Enio Giachini⁵. Se o espanhol e o inglês promovem um esclarecimento maior nas distinções conceituais do termo, a “vontade própria” do português resguarda o tom contraditório que nos conduz diretamente ao assombro do ponto em questão.

O “apego” ou o “attachment” podem ser traduções mais fiéis, mas não retiram o tapete do chão imediatamente, pois em uma leitura menos atenta e de senso comum, pode-se achar que é o abandono do que perturba o homem, das superficialidades na vida, o caminho para a ligação com o sagrado. “Vontade própria” diz do que o homem é mais a fundo e dá o sinal: o homem deverá abandonar

³ BRUGGER, nota da p. 156. “«Apego al propio yo» [es la] traducción de «eigenschaft». En su Meister Eckhart, Deutsche Predigten und Traktate (Munich, p. 470), Quint señala que no es fácil traducir «eigenschaft» = «propiedad, posesión». Eckhart usaría la palabra para reproducir la «propiedades» de los escolásticos, pero casi nunca en el sentido exacto de «cualitas» latina. Se trataría de una relación personal para con algo que se tiene o no se tiene, pero no de las cualidades objetivas de la propiedad”.

⁴ SCHÜRMAN, p. 4

⁵ GIACHINI, nota 8, p. 41, dos *Sermões Alemães vol. I*: “No alemão medieval o termo é *mit eigenschaft*. Quint o traduz para o alemão moderno como *Ich-Bindung*. Optamos por traduzir de acordo com a concepção da espiritualidade cristã tradicional por *vontade própria*”.

o seu próprio, ou seja, o seu tudo, a si mesmo. O homem deverá *desprender-se*⁶ no que é mais seu para Deus penetrar nele.

É a finura da distinção que Eckhart traz em outro momento do sermão 2, ao se perguntar como seria possível ser livre mesmo se nos apropriássemos de todas as imagens existentes. O ponto está em reposicionar-se e não ser mais apropriador do que se encontra presente, estar ao mesmo tempo com todas estas imagens sem ser determinado por elas, nem determina-las, isto é, sem coloca-las no que é próprio enquanto vontade própria, mas na liberdade enquanto desprendimento para a união com Deus.

[se] eu fosse para com as [imagens] tão livre da vontade própria a ponto de não ter me apropriado de nenhuma delas no fazer ou no deixar, com antes e com depois (...), ou seja, no presente instante, livre e solto para a mais amada vontade de Deus e para realiza-la plenamente, sem cessar (...), nesse caso, em verdade eu seria sem impedimento através de todas as imagens, tão certo como eu o era quando ainda não era (Sermão 2, I, p. 46).

Mestre Eckhart confronta vontade própria outras vezes com liberdade: “Nessas obras [de vontade própria], essas pessoas estão impedidas [...] de ser livres e soltas como Nosso Senhor Jesus Cristo é livre e solto (...)”⁷. Ou: “O fruto, no entanto, é pequeno, porque nasceu da obra em vontade própria, não da obra em liberdade”⁸. O desprendimento é o que tirará o homem dos empecilhos, do isto ou aquilo, da destinação resguardada em um fazer determinado, dos modos válidos por si mesmos, do enquadramento das coisas sem ligações com a fonte, assim como o é Deus, fonte viva, sempre em movimento, sem se definir totalmente por nenhum nome. Ao assumir o ser de Deus, o homem assumirá a liberdade que o constitui⁹. Ao assumir o ser de Deus, o homem se verá posicionado na inteireza de Deus, saindo da condição de ver-se apenas em si mesmo e como indivíduo enquadrado em si mesmo. Neste ponto, a expressão “vontade própria” sinaliza para o quão fundo é o abandono e qual o principal impedimento do homem em não se ligar com essa relação.

Brugger traz em sua nota que a tradução literal de *eigenschaft* é “propriedade”. Nisto ele reconhece o “apego”, mas não faz o giro fundamental, o de o apego ser o homem reconhecendo-se como proprietário de si mesmo. O apego ao eu é o principal impedimento do homem, pois deste apego ele promove todos os outros e cria em si o obstáculo para si mesmo. Nesta retenção, o homem não se permite a passagem e não se amplia no todo divino.

⁶ Sobre o desprendimento (*Abgeschiedenheit*), BOFF, p. 37, diz: “*Abgeschiedenheit*, palavra cunhada por Mestre Eckhart, é de difícil tradução. A palavra está em conexão com disponibilidade plena, com liberdade de e para, com desprendimento, pobreza, despreocupação, esvaziamento de si (...). As descrições que Eckhart faz da *Abgeschiedenheit* nos revelam as distintas significações. Todas as significações não visam a si mesmas, senão abrir o homem à presença de Deus em todas as situações e estar em união com ele”.

⁷ ECKHART, Sermão 1, I, p. 41

⁸ *Ibem*, Sermão 2, I, p. 48

⁹ SCHÜRMAN, p. 20

Se o homem rejeita a concepção de ser ele uma propriedade sua, sem conexão com a fonte, também deixa de subjugar as coisas enquanto valores por si, em um fazer sem ser. Para não sujeitar as coisas ao seu domínio e nem a si próprio como um modo determinado de se realizar, como uma destinação homogênea de “dever ser”, o homem se “sujeita” e “obedece” a Deus, que, por ser livre, também deixa livre todas as coisas. O “próprio” de Deus não se apropria de nada, nem se deixa ser apropriado, porque nenhum ser pode apropriá-lo. O que Deus faz com o seu “próprio” é doá-la a todas as criaturas, para que elas detenham este “próprio” como a realização do ser que co-pertence ao ser de Deus.

Deus é o máximo compartilhamento. Nenhuma coisa se compartilha a partir do seu próprio, pois todas as criaturas não são a partir de si mesmas. Tudo o que elas compartilham, receberam-no de um outro. Elas também não se dão a si mesmas. O sol dá seu brilho e, no entanto, fica estável no seu lugar; o fogo dá seu calor mas permanece fogo. Deus, porém, compartilha *o que é seu* porque é a partir de si mesmo que Ele é o que é, e em todos os dons que concede, ele se dá sempre primeiramente a si mesmo. (*Sermão 9, I, p. 85*).

Assim como em todas as criaturas, ocorre no homem, que é criatura, a doação divina, a partir da disposição de se recebê-lo. O homem se reposiciona no todo e vê que nem o criador submete as criaturas ao que é seu e as torna homogêneas ou as faz ter apenas um modo de ser. Deus não quer transformar nenhuma criatura na mesma substância que ele ou em qualquer outra substância fixas, apenas se dá para que elas sejam a repercussão dele próprio ao realizarem as suas pluralidades. Deus se dá a todas as criaturas para dar condições que elas plenifiquem as suas naturezas e sejam o sinal de Deus dentro de suas características, em movimento.

Ao homem que assim tivesse saído de si mesmo, de tal modo que fosse o Filho unigênito, a ele seria próprio o que é próprio ao Filho unigênito (...). Quando Deus vê que somos o Filho unigênito, ele se precipita e se lança ao nosso encontro com tanta veemência, (...) como se seu ser divino se lhe fosse despedaçar e quisesse tornar-se nada em si mesmo, a fim de nos revelar todo o abismo de sua deidade e a plenitude do seu ser e da sua natureza; *Deus se apressa para ser totalmente o nosso próprio, assim como é o seu próprio* [grifo nosso]. (*Sermão 12, I, p. 102*).

O reposicionamento da vontade própria está em se voltar a uma vontade maior, sem anular uma, mas veicular nesta a outra. O homem se dá no mundo na medida em que não vê apenas o que é seu como um fim em si mesmo, e sim entende a sua presença em partilha com as demais, em ligação e identidade com o fundo comum entre todas elas. O criador é o que se precipita nas criaturas e as une e as vivifica, dando o que é seu próprio no próprio de cada um, sem se apropriar e não ser apropriado por nenhuma. Nessa relação, o homem não detém o que se movimento no fundo de sua alma, pois não é seu e sim comum a todas as criaturas. Assim, ele mais pertence a este fundo do que é possuidor.

Eckhart lembra tal dimensão do homem ao trazer o seu significado da palavra “homem” e indicar a sujeição, a obediência e a humildade ontológicas que fundamentam a relação entre alma e Deus.

“Homem”, na acepção própria da palavra latina, significa, em um sentido, aquele que com tudo o que é e com tudo o que é seu se sujeita e obedece a Deus e, levantando os olhos ao céu, contempla a Deus, e não o que é seu: isto ele sabe (estar) atrás, abaixo e junto de si. Esta é a humildade perfeita e propriamente dita; este nome lhe vem da terra (*O homem nobre, O livro...*, p. 95)¹⁰.

A nós, contemporâneos, causa no mínimo estranheza a análise de Eckhart. Se negativamos tudo o que se alude à sujeição e à obediência, nosso movimento é de pronto rejeitar o argumento e classifica-lo como um possível anacronismo, fruto de uma época muito anterior à nossa, que não viu a criação dos direitos humanos, as revoluções, e ainda passava por relações de poder muito distantes das vividas na atualidade.

Teríamos razão de pôr o sentido de “estar-sujeito” como um entendimento próprio do contexto medieval, mas não com o desígnio de submissão. Sujeição vem do entendimento de que todas as coisas são *subjectum*, da flor à pedra, do sol ao homem, e não apenas um ser que possua consciência, como foi alcunhado modernamente¹¹. Todos os entes são criaturas, e por isso mais pertencem à totalidade do real, à doação integral de Deus enquanto criador, do que a si próprios. Ou seja, os entes são o que suas naturezas delimitam, e por isso possuem algum nível de substancialidade, mas são o que são pela presença de Deus, e não pela pulsão de sua autonomia. Neste sentido, todas as criaturas são sujeitas à totalidade, dependem da chispa de alma e vida que Deus doa em todas elas.

As coisas são em um caráter as suas próprias características, e em outro, com maior dimensão, o fundo que as permeia e as sustenta e que elas acolhem em sua natureza. Eckhart mesmo chega a ser enfático: “As criaturas todas não têm ser, pois o seu ser depende da presença de Deus. Se Deus, apenas só por um instante, desviasse sua face das criaturas, elas seriam aniquiladas”¹². Este período dimensiona a relação de dependência das criaturas com a plenitude vivificante de Deus, em que as criaturas só são à medida que Deus é por elas.

Para ser, cada criatura deve então ter Deus em seu fundo e resguardá-lo em sua integralidade. “Nenhuma coisa se compartilha a partir do seu próprio, pois todas as criaturas não são a partir de si mesmas. (...) Deus, porém, compartilha *o que é seu* porque é a partir de si mesmo que Ele é o que é, em todos os dons que concede, ele

¹⁰ Na tradução argentina de BRUGGER, p. 133, está assim: “En latín, «hombre» en el sentido propio de la palabra, significa en una acepción aquel que con todo cuanto es y cuanto le pertenece, se humilla y se somete completamente ante Dios, y con la vista levantada hacia arriba, mira a Dios [y] no a lo suyo de lo cual sabe que está detrás y por debajo de él y a su lado. Esta es la humildad completa y verdadera; este [su] nombre le proviene de la tierra.”

¹¹ SCHUBACK, p. 62

¹² ECKHART, Sermão 4, I, p. 59

se dá sempre primeiramente a si mesmo”¹³. Se pareceria uma condição de inferioridade a dependência das criaturas a Deus, ganha outra radicalidade na medida em que enxergamos nessa relação o compartilhamento de Deus em todas elas. Cada criatura, ao depender da doação do criador para ser, resguarda o próprio criador em plenitude no bojo de seu ser. As coisas são *em* Deus, e, por isso, ao serem, sinalizam toda a divindade¹⁴. “Ao dizer ‘Pai’, também aí somos pensados. Se é nosso *Pai*, então somos seus *filhos*, e assim tanto honra como injúria, a ele demonstradas, nos atinge o coração”¹⁵.

A disponibilidade do homem

Pode-se dizer, portanto, que a sujeição é um modo de ser além da própria natureza para se ser na totalidade, um lugar por onde a totalidade *possa* passar. É a insistência no verbo “poder” e não simplesmente no “passar” é o seguimento de uma indicação de Mestre Eckhart, ao concluir a questão da doação de Deus: “Ele se doa como Deus, como ele o é em todos os seus dons, à medida que há disposição em quem gostaria de recebê-lo”¹⁶.

O recado não é para a flor, para a pedra ou para o lobo. Só há uma criatura em que Deus não se doa simplesmente, mas antes precisa encontrar disposição a fim de lá repousar com toda a sua inteireza. Tal criatura contém uma distinção: a de escolher o modo de vida em que se dará. Como Deus se doa em respeito aos limites de cada criatura, também o faz em relação ao homem, até mesmo no que tange receber a recebê-lo ou não. “Não é em todos os corações que Deus pode agir segundo a sua vontade total, pois embora seja todo-poderoso, só pode agir conforme a disposição que depara”¹⁷. Embora Deus esteja sempre presente no fundo da alma, o homem pode não reconhecê-lo e encher de conteúdos temporais o lugar de Deus em seu ser, tampando-o.

O Filho de Deus (...) está no fundo da alma como uma fonte viva. Mas se alguém a entupir com terra, isto é, com a cobiça terrena, ela ficará obstruída e oculta e, portanto, despercebida; e, contudo, a nascente permanece viva em si mesma, e logo que se afaste a terra lançada de fora sobre ela, tornará a aparecer e dela nos aperceberemos. (*O homem nobre, O livro da divina consolação...*, p. 93).

O que é a terra sobre a água? Os empecilhos que os homens se põem, a terrenalidade do tempo posta como maior do que o fluxo divino, de tal modo a nem se ver o segundo e nem se ver o primeiro em conexão com o segundo. Só se vê terra. Aquilo que a nutre, que a vivifica, que a permite ser fértil para o desabrochamento do ser, não se reconhece, mesmo estando lá e sempre lá. O homem, sem o entendimento

¹³ *Idem*, Sermão 9, I, p. 85

¹⁴ SCHUBACK, p. 63

¹⁵ ECKHART, Sermão 21, I, p. 147

¹⁶ *Idem*, Sermão 9, I, p. 85

¹⁷ ECKHART, *O desprendimento, O livro da divina consolação...*, p. 155.

da ligação, considera a terra como toda a realidade, bruta, muda, inanimada apesar de orgânica, por não ver a “fonte viva” que nela perpassa.

Assim, fica-se cheio de terra e vazio de fonte, pois “estar cheio de toda criatura é estar vazio de Deus”¹⁸. Se tudo é terra, sem religação, a realidade é apenas a multiplicidade de entes e a meta do homem é buscar umas ou outras, realizar-se em uma ou outra, e não realizar a plenitude do fundamento seja em qual ente fosse, sendo cada ente o elo com todo o fundamento. O homem, na compreensão de que só há entes sem o Ser, em que os entes são enquanto eles próprios e não enquanto uma vivência, acredita que a realização de sua existência se dá na preocupação de fazer isto ou aquilo, de assentar-se em um modo determinado.

Há os que pensam que para se realizar têm que fugir disto ou buscar aquilo, ir para tais e tais lugares ou encontrar-se com tal gente, proceder de tal maneira ou unir-se a este grupo ou fazer tal coisa. Não é por isso que este modo de ser ou estas coisas te criam obstáculos. És tu mesmo o obstáculo para ti mesmo nas coisas, pois te relacionais erroneamente com elas (*Conversações espirituais, O livro da divina consolação...*, p. 102).

Assim, pode-se dizer que é pelo modo de ver o real que o homem se perfaz em Deus ou não, que é da visão a realização do homem no real. “... quando o olho está doente em si mesmo, e enfermiço, ou velado, é-lhe impossível perceber o brilho”¹⁹. É do homem que parte o seu próprio obstáculo, pois é do seu modo de ver que ele se dimensiona perante o todo, e se ele apreende a realidade com apego ao seu eu, toda a realidade terá o domínio do apego, mas se a toma no desprendimento de posse e determinação, toda a realidade se relacionará naquela mesma radicalidade de desprendimento.

O desprendimento de toda e qualquer vontade de apropriar-se das coisas ou destiná-las como um único modo de ser retira do homem a compreensão de que serão determinados afazeres que lhe retirarão ou não do seu curso. Como diz Eckhart, se ainda se crê que é um isto ou aquilo que desvia um homem de sua realização, e tenta pois edificar outras, moldar, controlar, compor técnicas de melhor destinação, é porque ainda se está preso a um eu, a toda uma conjuntura de mundo que se liga a este eu. Um mundo descontextualizado, isolado de si em si, como se as coisas fossem melhores ou piores por si mesmas e se deva descobrir aquelas que naturalmente melhor servem.

O homem, ao ver as coisas fora do seu contexto originário, passa a vê-las como possíveis obstáculos para a sua realização, embotada de vontade própria. Daí se dão dois problemas: 1) crê que o problema são as coisas e não a sua visão nas coisas, pois, sem dimensionar que há algo além das coisas, imagina que as coisas são o que se mostram para ele, sem depender do modo de visão dele; 2) por acreditar que é isto ou aquilo a que deve atrelar-se, também acredita que a sua realização assenta-

¹⁸ *Idem*, p. 152

¹⁹ ECKHART, O homem nobre, *O livro da divina consolação...*, p. 93

se em um isto ou aquilo, ou seja, na particularidade de seu envolvimento com o real, na “relatividade” de seu contato com as coisas fora de um contexto divino.

Para comentar o sermão 9 de Mestre Eckhart, Schuback lembra o trecho bíblico que é motim de interpretações do autor em todo o texto, presente no Eclesiastes: “Assim como o arco-íris brilhando entre as nuvens de glória, assim como a flor das roseiras em dias de primavera, assim como o lírio junto às fontes das águas” (Eclo 50, 6-9). Para ela, tais versículos são emblemáticos para a compreensão eckhartiana de posicionamento das coisas no real, uma vez que o arco-íris não é em si, tampouco a rosa, ou o lírio, e sim enquanto estão no seu meio²⁰. O arco-íris o é no meio das nuvens, a rosa na primavera e o lírio junto às águas. Cada coisa é a sua circunstância e é sinal da força do meio. E todas as coisas, em comum, são “sinais da força do meio divino”²¹.

O desprendimento da alma é conseguir ver as coisas em sintonia com a sua fonte, para compreendê-las como sinais de uma força que está não só além delas próprias, como além do próprio homem e transbordante no próprio do homem. A relação do visto com o olho não estão a nível só do visto e do olho, e sim de um elemento mais fundo desta relação, em que o visto e o olho se permeiam e tornam um e outro *um* no mesmo pertencimento. Este elemento mais fundo e este *um* é Deus.

Para tanto, porém, o homem deve situar-se para além de seu entendimento das coisas como próprios e propriedades, e ver que o ser não depende de sua vontade própria, apenas de sua disposição em auscultá-lo. Este dar-se para além e fazer-se fora do “eu ensimesmado”, dos impedimentos no isto ou aquilo, é *silenciar* a alma, cavar a terra e vê a “fonte viva”. Não se apropria mais das coisas e não se quer mais dominá-las ou evita-las, compreende-se que são criaturas e pertencem a uma dinâmica mais funda. O homem, também participante de tal dinâmica, não se põe fora dela uma vez que a sabe e põe-se em obediência.

A verdadeira obediência

Lembrando a passagem em que Eckhart define homem, podemos ver maior sentido ao defrontá-la com outros trechos de sua obra e perceber a amplitude de conceitos tão estranhos a nós, como sujeição e, agora, obediência. “[O homem] obedece a Deus e, levantando os olhos ao céu, contempla a Deus, e não o que é seu”. Mas o que significa em nível ontológico esta obediência do homem em meio ao Verbo? Procuramos recortar um momento em que Mestre Eckhart fala diretamente do ponto, retirado das *Conversações espirituais*.

A obediência verdadeira e perfeita é uma virtude que antecede a todas as demais virtudes. Sem ela nenhuma obra, por maior que seja, pode acontecer ou ser feita; assim, se uma obra, por menor ou insignificante, for realizada na perfeita obediência, ela se torna mais útil, por exemplo, do que rezar ou assistir à missa, meditar ou qualquer coisa que possas

²⁰ SCHUBACK, p. 69

²¹ Idem, p. 71

imaginar. Toma uma ação qualquer mesmo a mais irrelevante, como quiseres ou seja lá como for: a verdadeira obediência torna-a mais nobre e melhor (...).

Sempre que o homem, na obediência, sai de seu eu e se despoja de suas coisas e interesses, Deus necessariamente penetra nele; pois quando alguém não quer nada para si mesmo, Deus quer para ele, na mesma medida em que quer para si mesmo. Quando me despojei da minha vontade, depusitei-a nas mãos de meu Superior e não quis mais nada para mim, então é necessário que Deus queira para mim; se nisso Ele me negligencia, Ele se negligencia ao mesmo tempo a si mesmo (*Conversações espirituais, O livro da divina consolação...*, p. 100-101).

A obediência é anterior a todas as ações, na medida em que ela dá o tom de todas as ações, ela diz da condição de envolvimento do homem com as coisas. O que Eckhart parece afirmar é que se trata a obediência de uma postura, de um posicionamento, de uma atitude, que estará colado aos gestos daquele que a possui em tudo a se fazer. Em vez de se mudar, assim, todas as coisas, é antes melhor que o homem mude a si mesmo para que todas as coisas sejam imediatamente mudadas.

É mais nobre, portanto, proceder-se em obediência nas menores coisas do que fazer as “maiores” sob a crença de que elas por elas próprias são quem faz o homem mais nobre. Fazer isto ou aquilo não é o que evolui o homem, mas o ver em cada ação o sinal da essencialidade de sua relação com o real, assim como cada coisa é o sinal da integralidade de Deus.

“Não se pense em fundamentar a santidade num fazer; antes se deve fundamentar a santidade num ser, pois as obras não nos santificam; nós é que santificamos as obras”²². As obras não são nada por si próprias, tais como as criaturas não são nada sem a presença divina, e dependem de como o homem com elas se envolvem, pois a mesma obra é absolutamente distinta na distinção do ser de quem as operou. Quem reza²³, por exemplo, sem a entrega total a Deus não faz o mesmo do que aquele que, com as idênticas ou mais contidas expressões, ora no seio da vontade divina.

Pode-se dizer que quem reza para se tornar mais próximo a Deus ainda está resguardado em seu eu e não se deixou tomar por Deus. Este ainda acredita que é uma obra específica, ou seja, rezar, que vai leva-lo ao seguimento. Se o homem se despoja e deixa a santidade tomar o seu ser, e ser ele próprio a santidade que almeja, não será apenas a reza ou a missa quem o conduzirá a um encontro com o divino, mas todas as obras, pois todas elas terão o fundamento do mesmo princípio. Em vez de uma coisa ou outra, portanto, todas as obras serão uma manifestação do ser uno que as origina na alma, todas as obras significarão aquele que as pratica, e, sendo assim, todas as obras poderão ser uma prece a Deus.

O esforço de Mestre Eckhart é que Deus esteja tão presente no ser do homem que todas as ações sejam como uma ação para Deus, sejam a religação com a fonte.

²² ECKHART, *Conversações espirituais, O livro...*, p. 104

²³ É frequente Eckhart utilizar exemplos pautados na rotina da igreja, como oração, penitência, jejum, pregação, vide Sermão 1, Sermão 52, Sermão 63, *Conversações espirituais* etc.

É a experiência de voltar “o olhar para aquilo que é verdadeira e exclusivamente a nascente e a foz de onde vem e para onde flui a vida”²⁴ desembaraçada de impedimentos que o interesse próprio traz. O homem que tem a Deus não quer nada para si, na medida em que entende a sua particularidade não como uma propriedade de si mesmo, mas como participação e pertencimento a uma força maior, em convivência, assim, com a plena liberdade.

Referências bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação*. In: MESTRE ECKHART, *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. Ed. Vozes, 1999.
- BRUGGER, Ilmo. *Notas e introdução*. In: MAESTRO ECKHART, Buenos Aires, 1977. Edição eletrônica – 2011.
http://www.laeditorialvirtual.com.ar/Pages/MeisterEckart/00_Indice.htm. Acessado em Novembro de 2011.
- GIACHINI, Enio Paulo. *Notas e Glossário* In: MESTRE ECKHART, *Sermões Alemães Vol.1*. Ed. Universitária São Francisco, Ed. Vozes, 2006.
- MAESTRO ECKHART, *Tratados y Sermones*. Buenos Aires, 1977. Edição impressa esgotada. Edição eletrônica – 2011.
http://www.laeditorialvirtual.com.ar/Pages/MeisterEckart/00_Indice.htm. Acessado em Dezembro de 2011.
- MESTRE ECKHART, *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. Petrópolis: Vozes. 1991.
- _____, *Sermões Alemães vol. 1*. Ed. Universitária São Francisco, Ed. Vozes, 2006.
- _____, *Sermões Alemães vol. 2*. Ed. Universitária São Francisco, Ed. Vozes, 2009.
- SCHUBACK, Márcia Sá Márcia Sá Cavalcante. *Para Ler os Medievais – Ensaio de Hermenêutica Imaginativa*. Ed. Vozes, 2000.
- SCHÜRMAN, Reiner. *Wandering Joy: Meister Eckhart's mystical philosophy*. Lindisfarne Books, 2001.

²⁴ SCHÜRMAN, p. 174, trad. Apud: UNGER, p. 134